

FICHA TÉCNICA

Título original: *The Edge of Always*

Autora: *J. A. Redmerski*

Copyright © 2013 J.A. Redmerski

Edição portuguesa publicada por acordo com Grand Central Publishing, New York, USA

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2014

Tradução: *Fátima Andrade*

Imagem da capa: © 2013 *Richard Tuschman*

Paginação: *Miguel Trindade*

Impressão e acabamento: *Multitipo - Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 384 343/14

1.ª edição, Lisboa, janeiro, 2015

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Dedicatória

*Para todos os que já tiveram um momento de fraqueza.
Não vai doer para sempre, portanto não se deixem abater.*

CAPÍTULO UM

Há uns meses, quando estava deitado naquela cama de hospital, não me passava pela cabeça que hoje estivesse vivo, e muito menos à espera de um bebé e noivo de um anjo com uma boca suja. Mas aqui estou. Aqui *estamos*, a Camryn e eu, a enfrentar o mundo... de maneira diferente. As coisas não correram exatamente como tínhamos planeado, mas, pensando bem, isso raramente acontece. E nenhum de nós desejaria mudar a forma como correram, mesmo que pudéssemos.

Adoro esta cadeira. Era a cadeira favorita do meu pai e a única coisa que ele deixou que eu queria. Claro que herdei um cheque chorudo, que irá aguentar-nos, à Camryn e a mim, por uns tempos, e claro que recebi o *Chevelle*, mas a cadeira tinha igual valor sentimental para mim. A Camryn odeia-a, mas não diz nada porque era do meu pai. Não posso censurá-la: a cadeira é velha, cheira mal e tem um buraco no estofado, dos dias de fumador do meu pai. Prometi-lhe que ia mandar alguém limpá-la, pelo menos. E fá-lo-ei. Assim que ela decidir se vamos ficar em Galveston ou mudar-nos para a Carolina do Norte. Qualquer das alternativas me serve, mas algo me diz que ela está a evitar dizer o que realmente quer por minha causa.

Ouçó a água do duche parar de correr e, segundos depois, um grande baque vibrar através da parede. Salto da cadeira, deixando o controlo remoto cair ao chão, e precipito-me para a casa de banho, arranhando a canela toda na borda da mesa de apoio ao passar.

Abro a porta da casa de banho de repelão.

— O que aconteceu?

A Camryn abana a cabeça para mim e sorri enquanto se inclina para apanhar o secador de cabelo do chão, onde caiu ao lado da sanita.

Solto um suspiro de alívio.

— És ainda mais paranoico do que eu — observa ela, rindo.

Baixa o olhar para a minha perna, que esfrego com a ponta dos dedos. Pousa o secador de cabelo na bancada e aproxima-se de mim, beijando-me no canto da boca.

— De nós os dois, parece que não sou eu quem precisa de se preocupar por ser propenso a acidentes. — Sorri.

As minhas mãos pousam nos seus ombros e puxo-a para mim, deixando uma mão deslizar para a sua barriguinha arredondada. Mal dá para perceber que ela está grávida. Eu julgava que aos quatro meses de gravidez ela já se assemelharia a um hipopótamo-bebé, no mínimo, mas que sei eu dessas coisas?

— Talvez — respondo, tentando esconder o vermelho que me alastra pelas faces. — Provavelmente fizeste isso de propósito, só para ver com que rapidez eu conseguia cá chegar.

Ela beija o outro canto da minha boca e depois dá-me o golpe de misericórdia, beijando-me a sério, profundamente, ao mesmo tempo que pressiona o seu corpo molhado e nu contra o meu. Gemo contra a sua boca, envolvendo-a nos braços.

Mas afasto-me antes de cair na sua armadilha tortuosa.

— Raios, mulher, tens de parar com isso.

Ela faz-me um sorriso rasgado.

— Queres *mesmo* que eu pare? — pergunta, com aquele seu sorrisinho de quem está a tramar alguma.

Fico com um medo de morte sempre que ela faz aquilo. Uma vez, depois de uma conversa marcada pelo tal sorrisinho, ela passou três dias inteiros sem fazer sexo comigo. Os três piores dias da minha vida.

— Bem, não — replico nervosamente. — Só quero dizer agora. Temos exatamente trinta minutos para chegar ao consultório do médico.

Só espero que ela se mantenha assim excitada ao longo de toda a gravidez. Já ouvi histórias de terror sobre como algumas mulheres começam por querer sexo todo o tempo no princípio apenas para, quando ficam maiores, se transformarem em *banshees* cuspidoras de fogo quando se tenta tocar-lhes.

Trinta minutos. Raios. Podia dobrá-la para cima da bancada num instante...

A Camryn sorri docemente, puxa a toalha do varão da cortina do duche e começa a secar-se.

— Estou pronta daqui a dez minutos — declara, acenando-me para sair. — Não te esqueças de regar a *Georgia*. Encontrei o teu telefone?

— Ainda não — respondo e faço menção de transpor a porta, mas depois paro e acrescento, com um sorriso sexualmente sugestivo: — Hummm, podíamos...

Ela fecha-me a porta na cara. Afasto-me, rindo.

Corro por todo o apartamento, procurando as minhas chaves por baixo de almofadas e em toda a espécie de lugares estranhos, até que, por fim, as encontro escondidas debaixo de uma pilha de correio publicitário na bancada da cozinha. Paro por um momento e seguro um determinado envelope entre os dedos. A Camryn não me deixa deitá-lo fora, porque foi para onde olhou quando deu o meu endereço à operadora das urgências, na manhã em que tive a crise de convulsões à sua frente. Acho que ela sente que aquele papel ajudou a salvar a minha vida, mas o que na verdade fez foi ajudá-la a acabar por compreender o que se passava comigo. A crise era inofensiva. Já tinha tido várias. Raios, tinha tido uma no hotel de Nova Orleães, antes de começarmos a partilhar o quarto. Quando lhe contei isso, passado uns tempos, escusado será dizer que ela não ficou nada satisfeita comigo.

Preocupa-se constantemente com a possibilidade de o tumor voltar. Creio que se preocupa mais com isso do que eu.

Se voltar, voltou. Passaremos por isso juntos. Passaremos sempre por tudo juntos.

— Está na hora, querida! — grito da sala de estar.

Ela sai do nosso quarto, metida num par de calças de ganga bastante apertadas e numa t-shirt igualmente justa. E saltos altos. *A sério? Saltos altos?*

— Vais espremer a cabecinha dela nessas calças — comento.

— Não, não vou espremer a cabeça dela ou *dele* — retruca ela, apanhando a sua mala do sofá e colocando-a ao ombro. — Estás muito seguro de ti, mas veremos. — Dá-me a mão e eu conduzo-a pela porta, rodando a tranca antes de a fechar com força atrás de nós.

— Eu sei que é uma rapariga — declaro, cheio de confiança.

— Queres uma aposta? — Ela fita-me, sorrindo.

Saímos para o ar ameno de novembro e eu abro a porta do carro, gesticulando para ela entrar, com a palma da mão voltada para cima.

— Que tipo de aposta? — pergunto. — Sabes que sou todo a favor de apostas.

A Camryn desliza pelo banco, eu corro para o meu lado e entro também no carro. Descanso os pulsos em cima do volante e olho para ela, à espera.

Ela sorri e mordisca suavemente o lábio inferior, refletindo. O seu cabelo comprido e loiro cai-lhe sobre os ombros, os olhos azuis brilham de entusiasmo.

— Já que tu é que parecez tão seguro — diz ela, por fim, — então tu é que deves escolher a aposta e eu aceitarei ou não. — Interrompe-se abruptamente e espeta o dedo na minha direção com severidade. — Mas nada de sexual. Acho que tens essa área bastante controlada. Pensa em qualquer coisa... — Faz girar a mão no ar à sua frente. — ... não sei... ousada ou significativa.

Hum, estou oficialmente tramado.

Meto a chave na ignição, mas faço uma pausa antes de a rodar.

— Muito bem, se for rapariga tenho o direito de escolher o nome — decido, com um sorriso suave e orgulhoso.

As sobrancelhas dela contorcem-se ligeiramente e espeta o queixo.

— Essa aposta não me agrada. Isso é uma coisa em que ambos devemos participar, não achas?

— Bem, sim, mas não confias em mim?

Ela hesita.

— Sim... Confio em ti, mas...

— Mas não com o nome do bebé. — Arqueio uma sobrancelha interrogativamente, mas na verdade estou apenas a meter-me com ela.

Ela já não consegue olhar-me nos olhos e parece pouco à vontade.

— Então? — insisto.

A Camryn cruza os braços e diz:

— Que nome tens em mente, ao certo?

— O que te leva a crer que já escolhi um?

Rodo a chave e o *Chevelle* desperta, ronronando.

Ela sorri-me, pondo a cabeça de lado.

— Ora, por favor! É evidente que já escolheste um nome, ou não terias tanta certeza de que é uma rapariga, nem farias apostas comigo quando estamos a caminho da ecografia.

Desvio os olhos, sorridente, e engato a marcha-atrás.

— Lily — digo e mal consigo apanhar o olhar da Camryn enquanto saímos do estacionamento. — Lily Marybeth Parrish.

Um pequeno sorriso arqueia-lhe os cantos dos lábios.

— De facto, até gosto desse nome — diz ela, e o seu sorriso fica cada vez mais rasgado. — Confesso que estava um pouco preocupada. Porquê Lily?

— Por nenhuma razão. Só porque gosto.

Ela não parece convencida. Semicerra os olhos para mim, com uma expressão brincalhona.

— Estou a falar a sério! — insisto, rindo baixinho. — Tenho andado a pensar em nomes desde o dia a seguir àquele em que me disseste.

O sorriso da Camryn torna-se ainda mais caloroso e, se eu não fosse tão homem, ia-me abaixo e permitia-me corar como um idiota.

— Andaste a pensar em nomes este tempo todo? — Ela parece alegremente surpreendida.

Pronto, acabo mesmo por corar.

— Sim — confesso. — Ainda não arranjei um bom nome para rapaz, mas temos vários meses para pensar no assunto.

A Camryn limita-se a olhar para mim, com um sorriso de orelha a orelha. Não sei o que se passa na sua cabeça, mas percebo que as minhas faces estão a ficar cada vez mais vermelhas, quanto mais ela me olha assim.

— *Quê?* — pergunto e solto uma risada.

Ela inclina-se sobre o assento e levanta a mão para o meu rosto, puxando-me o queixo com os dedos. Depois beija-me.

— Deus, eu amo-te — sussurra.

Levo um segundo a perceber que estou a sorrir tanto que tenho a sensação de estar com o rosto esticado.

— Eu também te amo, agora põe o cinto de segurança. — Aponto para o objeto em questão.

Ela desliza de novo para o seu lado e encaixa a fivela do cinto de segurança.

Enquanto nos dirigimos para o consultório médico, ambos vamos olhando para o relógio no painel de instrumentos. Oito minutos. Cinco. Três. Acho que a atingiu com tanta intensidade como a mim, quando entramos no parque de estacionamento do prédio. Daqui a nada vamos ver o nosso filho ou filha pela primeira vez.

Sim, há uns meses eu não pensava que pudesse estar vivo...

* * *

— A espera está a dar cabo de mim — sussurra-me a Camryn. Estou sentado ao seu lado na sala de espera.

Isto é tão estranho. Estar sentado no consultório do médico com grávidas a rodear-nos por todos os lados. Tenho um certo medo de estabelecer contato visual com elas. Algumas parecem irritadas. Todas as revistas masculinas dão a impressão de ter na capa uma fotografia de um homem num barco, a exhibir um peixe suspenso do polegar pela boca. Finjo estar a ler um artigo.

— Só aqui estamos há coisa de dez minutos — replico, também num sussurro, e passo a palma da mão pela coxa dela, deixando a revista repousar no meu colo.

— Eu sei, só estou nervosa.

Quando me preparo para lhe pegar na mão, uma enfermeira de bata cor-de-rosa sai de uma porta lateral e chama o nome da Camryn. Seguimo-la lá para dentro.

Sento-me encostado à parede enquanto a Camryn se despe e veste uma daquelas camisas do hospital. Arrelio-a por estar com o traseiro de fora e ela finge-se ofendida, mas a vermelhidão nas faces atraiçoa-a. Sentamo-nos os dois e esperamos. E voltamos a esperar, até que outra enfermeira entra e toma toda a nossa atenção. Lava as mãos no lavatório.

— Bebeu bastante água uma hora antes da consulta? — pergunta, após a troca de cumprimentos.

— Sim, senhora — responde a Camryn.

Sei que ela tem medo de que algo possa estar errado com o bebé e a ecografia o revele. Tentei dizer-lhe que tudo vai correr bem, mas isso não a impede de se preocupar.

Ela lança-me um olhar do outro lado do quarto e eu não posso deixar de levantar-me e ir para o seu lado. A enfermeira faz uma série de perguntas e calça um par de luvas de látex. Eu ajudo a responder àquilo que posso, porque a Camryn parece cada vez mais preocupada a cada segundo que passa e não fala muito. Aperto-lhe a mão, tentando tranquilizar-lhe o espírito.

Quando a enfermeira acaba de espalhar o gel na sua barriga, a Camryn respira fundo.

— Ena, isso é uma tatuagem espetacular que aí tem —, comenta a enfermeira. — Deve ter sido muito especial, para aguentar fazer uma tão grande nas costelas.

— Sim, é definitivamente especial —, replica a Camryn, sorrindo-me. — É de Orfeu. O Andrew tem a outra metade. Eurídice. Mas é uma longa história.

Levanto orgulhosamente a minha camisa acima das costelas para mostrar a minha metade à enfermeira.

— Impressionante — diz ela, olhando para ambas as nossas tatuagens à vez. — Não se veem coisas dessas todos os dias.

Não fala mais do assunto e começa a passar a sonda sobre o gel, apontando a cabeça, o cotovelo e outras partes do corpo do bebé.

Sinto a pressão da mão da Camryn na minha aliviar lentamente, à medida que a enfermeira continua a falar, sorrindo e explicando que «parece estar tudo bem». Vejo a expressão da Camryn passar de nervosa e tensa para aliviada e feliz, e isso faz-me sorrir.

— Então tem a certeza que não há motivos de preocupação?
— pergunta a Camryn. — A certeza *absoluta*?

A enfermeira acena com a cabeça e olha brevemente para mim.

— Sim. Até ao momento, não vejo nada de preocupante. O desenvolvimento está exatamente onde queremos que esteja. Os movimentos e o batimento cardíaco são normais. Acho que pode estar descansada.

A Camryn olha para mim e tenho a sensação de que estamos a pensar a mesma coisa.

Isso confirma-se quando a enfermeira diz:

— Se bem entendi, estão curiosos acerca do sexo?

Fazemos uma pausa, olhando um para o outro. Ela é tão bonita! Mal posso crer que é minha. Mal posso crer que está a gerar o meu bebé.

— Vou aceitar essa aposta — acede a Camryn por fim, apanhando-me de surpresa. Sorri alegremente e puxa a minha mão. Viramo-nos ambos para a enfermeira.

— Sim — responde a Camryn. — Se já for possível saber.

A enfermeira desloca a sonda de novo para uma área específica e parece estar a fazer uma última verificação das suas conclusões antes de anunciar o veredito.

— Bem, ainda é um pouco cedo, mas... parece-me uma rapariga — declara finalmente. — Por volta das vinte semanas, na sua próxima ecografia, poderemos determinar o sexo oficialmente.

CAPÍTULO DOIS

Acho sinceramente que nunca vi o Andrew sorrir assim antes. Talvez naquela noite em que cantei com ele pela primeira vez em Nova Orleães e ele ficou tão orgulhoso de mim, mas, mesmo assim, não tenho a certeza de que algo possa igualar a expressão do seu rosto agora. O coração bate-me contra as costelas, numa excitação, especialmente devido à reação do Andrew. Vejo quanto ele queria uma rapariguinha e juro que ele está a fazer um esforço imenso para não perder o controlo à frente da enfermeira. Ou à minha.

Nunca teve importância para mim se era rapaz ou rapariga. Sou como quase todas as outras futuras mães, que só querem que o seu bebé seja saudável. Não que a saúde do nosso bebé não se sobreponha à questão do sexo na mente do Andrew. Conheço-o demasiado bem para saber que não é assim.

Ele inclina-se e beija-me suavemente nos lábios, com os olhos verdes e brilhantes a cintilar com tudo o que há de bom.

— Lily, está assente — digo-lhe, em total concordância, e beijo-o mais uma vez antes de ele se afastar, correndo os dedos através do seu cabelo castanho curto.

— Bonito nome — comenta a enfermeira. — Mas tenham também um nome de rapaz à mão, para o que der e vier. — Afasta a sonda e dá-nos um momento.

O Andrew vira-se subitamente para a enfermeira:

— Bem, se ainda não viu equipamento nenhum no meu filho, então não há dúvida de que é uma menina.

Deixo escapar uma risada e reviro vagamente os olhos para a enfermeira. O que é ainda mais engraçado é que o Andrew estava a falar a sério. Espeta a cabeça para o lado ao perceber a expressão divertida no meu rosto.

Passamos o resto do dia a fazer compras. Nenhum de nós conseguiu resistir. Já tínhamos andado a ver material de puericultura antes, mas nunca tínhamos comprado grande coisa, porque não sabíamos se devia ser rosa ou azul e não queríamos acabar com um quarto cheio de amarelo. E embora ainda haja a possibilidade de vir aí um rapaz, acho que o Andrew está mais convencido do que nunca de que é uma menina, portanto entro na onda e permito-me acreditar nisso também. Mas ele continua a não me deixar comprar muita coisa!

— Espera — insiste, quando me vê avançar para mais um fatinho de rapariga na secção de roupas para recém-nascidos. — Sabes que a minha mãe está a planear uma festa para a bebé, não sabes?

— Sim, mas podemos levar já mais algumas coisas. — E ponho o fatinho no carro de compras na mesma.

O Andrew olha para o carro e depois de novo para mim, com os lábios franzidos numa expressão contemplativa.

— Acho que já ultrapassaste o conceito de *algumas* coisas, querida.

Tem razão. Já enfiei cerca de noventa dólares de roupas no cesto. Oh, bem, se sair menino em vez de menina, posso trocar aquilo tudo mais tarde.

E assim se passa o resto do dia, até que passamos por casa da mãe dele para lhe dar a notícia.

— Oh, isso é maravilhoso! — exclama a Marna, puxando-me para um abraço. — Estava convencidíssima de que ia ser rapaz!

As minhas mãos deslizam dos braços dela e sento-me à mesa da cozinha com o Andrew, enquanto a Marna se dirige para o frigorífico. Pega num jarro de chá e começa a preparar-nos um copo.

— A festa do bebé será em fevereiro — diz ela do bar. — Já tenho tudo planeado. Tudo o que tens de fazer é aparecer. — Sorri para mim e guarda o jarro de chá.

— Obrigada — respondo.

Ela pousa um copo à frente de cada um de nós e puxa a cadeira vazia.

É verdade que tenho saudades de casa. Mas também adoro estar aqui e a Marna é como uma segunda mãe para mim. Não tenho tido coragem para dizer ao Andrew como sinto a falta da *minha* mãe e da Natalie, de ter uma amiga com quem conversar. Podemos estar apaixonadas pelo melhor homem do planeta — e, de facto, estou —, mas isso não significa que não seja difícil não ter outros amigos. Conheci uma rapariga da minha idade, a Alana, que vive no andar de cima com o marido, mas ainda não consegui fazer clique com ela a qualquer nível. Parece-me que, se já comecei a inventar desculpas para não ter de sair com ela quando me convida, talvez nunca cheguemos a fazer clique de espécie alguma.

Mas o que penso verdadeiramente é que a minha tristeza secreta, as saudades de casa e tudo o mais, é por causa da gravidez. As minhas hormonas estão todas descontroladas. E penso também que tem muito a ver com as preocupações. Agora preocupo-me com tudo. Quer dizer, isso acontecia-me muito antes de conhecer o Andrew, mas agora que estou grávida, as minhas preocupações multiplicaram-se: o bebé será saudável? Irei ser uma boa mãe? Terei estragado a minha vida por... Lá estou eu outra vez. Porra! Sou uma pessoa horrível. Sempre que essa ideia me passa pela cabeça, faz-me sentir imensamente culpada. Amo o nosso bebé e não mudaria o estado das coisas, mesmo que pudesse, mas não posso deixar de me perguntar se eu... se *nós* fizemos asneira em engravidar tão cedo.

— Camryn? — Ouço a voz do Andrew e arranco-me aos meus pensamentos profundos. — Estás bem?

Forço um sorriso convincente.

— Sim, estou ótima. Estava apenas a sonhar acordada... sabes, prefiro roxo a cor-de-rosa.

— Eu tive direito a escolher o nome — diz o Andrew —, portanto podes escolher as cores que quiseres. — Cobre a minha mão com a sua sobre a mesa. O simples facto de saber que ele se interessa por esse tipo de coisas é o bastante para me fazer sorrir.

A Marna afasta o copo dos lábios e pousa-o na mesa, à sua frente.

— Oh! — exclama. — Já escolheram um nome?

O Andrew faz um sinal de assentimento.

— Lily Marybeth. O nome do meio da Camryn é Marybeth. A pequenina deve ter o nome da mãe.

Oh, meu Deus, ele acabou de derreter o meu coração. Não o mereço.

A Marna sorri para mim, com o rosto cheio de felicidade e de todas as outras emoções que alguém como a mãe do Andrew poderia possuir. Além de o seu filho ter vencido a doença e regressado em força das portas da morte, agora vem aí uma neta a caminho.

— Bem, é um nome bonito — diz ela. — Julgava que o Aidan e a Michelle seriam os primeiros, mas a vida é cheia de surpresas. — Algo na maneira como diz aquelas palavras parece ter um significado oculto e o Andrew repara.

— Passa-se alguma coisa com o Aidan e a Michelle? — pergunta, bebendo um gole rápido do seu chá.

— Nada que não seja normal entre um casal — responde ela. — Nunca vi um casamento em que não houvesse *algum* tipo de problemas, e eles estão juntos há muito tempo.

— Quanto? — indago.

— Casados, apenas há cinco anos — diz a Marna. — Mas já estão juntos há cerca de nove, segundo creio. — Acena com a cabeça ao refletir melhor sobre o assunto, satisfeita com a sua memória.

— Deve ser o Aidan — comenta o Andrew. — Eu não gostaria de ser casado com ele. — Ri.

— Sim, isso seria esquisito — replico, torcendo o nariz para ele.

— Bem, a Michelle não pode vir à festa do bebé — diz a Marna. — Tem de assistir a umas conferências em dezembro e não consegue encaixar a festa na sua agenda, especialmente por estar tão longe. Mas o mais certo é ser ela a enviar os melhores presentes de todos. — Sorri-me com doçura.

Retribuo o sorriso e bebo outro gole de chá, mas a minha mente recomeçou a vaguear e não consigo travá-la. A única coisa em que consigo pensar é naquilo que ela disse há pouco, acerca de nunca ter visto um casamento sem problemas. E deslizo de novo para o modo de preocupação.

— O teu aniversário é no dia oito de dezembro, não é, Camryn?

Pestanejo, num esforço para voltar ao presente.

— Ah... sim. O grande vinte e um.

— Bem, então parece que também tenho uma festa de anos para planejar.

— Oh, não, não é preciso fazer isso.

Ela sacode o meu pedido com um gesto, como se fosse ridículo, e o Andrew limita-se a recostar-se na cadeira, com aquele seu sorriso indolente no rosto.

Cedo, porque sei que, com a Marna, não vale a pena tentar.

Regressamos a casa ao fim de uma hora. Já está escuro lá fora. Estou cansadíssima de passar o dia todo a andar de um lado para o outro, e da excitação da Lily.

Lily. Não posso acreditar que vou ser mãe. Um sorriso alastra-me na cara quando entro na sala de estar. Largo a mala na mesa de apoio e deixo-me cair na almofada central do sofá, atirando os meus sapatos para longe. Mas não tarda muito que o Andrew venha sentar-se ao meu lado, com uma expressão conhecedora no seu belo rosto.

Posso ter enganado a Marna, mas já devia saber que nunca conseguiria enganá-lo a ele.